

Experiências de improvisação “em jogo”: o processo pedagógico-musical com crianças voltado à formação integral

Camila Costa Zanetta
USP/MESTRADO/PPGMUS
SIMPOM: *Educação Musical*
camilazanetta@usp.br

Resumo: Este artigo discorrerá sobre o projeto de pesquisa em andamento no Mestrado em Música na Universidade de São Paulo (USP). Incluso na área “Processos de criação Musical”, na linha de pesquisa “Música e educação: processos de criação, ensino e aprendizagem”, o projeto conta com o apoio da FAPESP. A pesquisa visa compreender as possíveis contribuições das experiências de improvisação, no ambiente do jogo cênico-musical, para a formação integral das crianças. Aborda, portanto, os processos criativos na educação musical, salientando a importância da criação nas aulas de música com crianças, em prol de experiências significativas às mesmas. Focando a prática da improvisação no contexto pedagógico, iniciou-se um estudo sobre os jogos de improvisação propostos por Hans-Joachim Koellreutter, analisando-os como “cênico-musicais”. Sendo o contexto do jogo, por si só, compreendido como importante ferramenta pedagógica, a pesquisa também englobou um levantamento teórico acerca do jogo na educação, apontando este ambiente lúdico e suas possíveis contribuições para o ensino e aprendizagem da música. Configurando uma pesquisa-ação, uma Oficina de Música foi oferecida para crianças entre 7 e 10 anos da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP. Esta Oficina aconteceu entre os meses de abril e junho deste ano, com encontros semanais de uma hora de duração. A partir de uma abordagem qualitativa, visando a perspectiva das crianças sobre as problemáticas levantadas, as técnicas de coleta de dados utilizadas foram: (1) filmagens; (2) entrevistas semiestruturadas; (3) protocolos – confeccionados pelas próprias crianças participantes da Oficina. Este artigo abará, portanto, considerações a respeito do projeto de pesquisa em andamento, trazendo resultados parciais da prática da pesquisa-ação e apontando as contribuições das experiências de improvisação em jogos cênico-musicais sob a perspectiva das crianças.

Palavras-chave: educação musical; improvisação musical; jogos cênico-musicais.

Improvisation Experiences “in Game”: the Music Pedagogical Process with Children Directed to an Integral Development

Abstract: This paper will discuss about an ongoing research project, tied with a Master Degree Program in Music of University of São Paulo (USP), supported by FAPESP. The research aims to comprehend the possible contributions of improvisation experiences, inside the scenic-musical games environment, to the integral development of children. It discusses, therefore, about the creative processes in music education, highlighting the value of creation

in the music class with children towards significant experiences to them. Focusing the improvisation practice in the pedagogical context, the research started with a study of the improvisation games proposed by Hans-Joachim Koellreutter, analyzing them as “scenic-musical” games. Being the game context, itself, understood as an important pedagogical tool, the study also embraced a bibliographical research about the use of games in the education, pointing this lucid environment and its possible contributions to music teaching and learning. Proposed as an action-research, was offered a Music Workshop to children from 7 to 10 years old from Application School at USP. This workshop occurred weekly between April and June of 2014, with classes of one hour in duration. From a qualitative approach, aiming for the children own perspective, the data collection techniques used were: (1) video record; (2) semi-structured interviews; (3) protocols – made by the children. This paper contains, therefore, considerations about the ongoing research project, showing partial results of the action-research practice and pointing the improvisation experiences contributions in scenic-musical games under the perspective of the children.

Keywords: Music Education; Musical Improvisation; Scenic-Musical Games.

1. O jogo: um recurso pedagógico

O jogo é compreendido como uma atividade livre, limitada em tempo e espaço, constituída de regras, com capacidade para absorver o jogador de maneira intensa, proporcionando também uma sensação de afastamento da realidade e dos riscos reais (COELHO, 2001; HUIZINGA, 2000; PEREIRA, 2012). Além destas características, o jogo propicia o desenvolvimento pessoal e grupal, permite a eliminação da autocensura, gera descontração, relaxamento, proporciona confiança e liberdade para a criação (HUIZINGA, 2000; JANUZELLI, 2003; PEREIRA, 2012).

Por suas particularidades, diversos profissionais da área da educação têm pensado o jogo como importante recurso pedagógico. Alguns destes, inclusive, vêm apontando a importância de práticas lúdicas na formação dos próprios educadores.

Lombardi (2005), ao estudar o jogo, a brincadeira e a prática reflexiva na formação de professores, afirma:

Considerando o sujeito como um ser integral formado por aspectos físicos, psicológicos, sociais, econômicos, espirituais, etc torna-se possível transformar os espaços e currículos de formação docente atuais, incorporando o lúdico, a fim de estimular no futuro professor tanto a competência técnica quanto o saber das atitudes, a sensibilidade para a interação educativa. (LOMBARDI, 2005, p. 69).

Ainda de acordo com a autora, na educação infantil, por exemplo, “a importância de o professor conhecer sobre jogos, brincadeiras e brinquedos está em ser capaz de respeitar

o desenvolvimento natural das crianças, o qual ocorre por meio destas atividades” (LOMBARDI, 2005, p. 93).

Tendo em vista que o universo das crianças está permeado pelo lúdico, penso o ensino e aprendizagem da música por meio do jogo, de forma a respeitar seus processos de desenvolvimento, os quais perpassam o jogo dramático, as brincadeiras, etc. Além disso, o jogo como recurso pedagógico propicia um espaço de interação/socialização entre os participantes, sujeição às regras, respeito ao outro, divertimento, incertezas e tensões nas tentativas de resolução dos problemas durante as ações do grupo, além do trabalho da improvisação (JANUZELLI, 2003; PEREIRA, 2012; SPOLIN, 2007).

Importante apontar também o conceito de Jogo Ideal presente na abordagem do filósofo francês Gilles Deleuze. Segundo o autor, este consiste no jogo sem regras preexistentes – podendo ser construídas durante o próprio ato de jogar – e sem ganhadores ou perdedores: jogo em seu estado puro. Brito (2007), ao abarcar este conceito em seu trabalho, escreve:

Gilles Deleuze propôs que se busque o jogo ideal, o jogo em estado puro, que não conta com regras preexistentes; nele, o conjunto das jogadas afirma todo o acaso e não cessa de ramificá-lo em cada jogada; jogo no qual as jogadas são apenas qualitativamente distintas. As regras se constroem ao jogar, como o ‘caminho se traça ao caminhar’. O jogo ideal a que se refere Deleuze é o jogo do pensamento [...], jogo que se reserva ao pensamento e à arte; que afirma e ramifica o acaso, ao invés de dividi-lo para dominá-lo, para apostar, para ganhar (DELEUZE, 1997). Assim sendo, consideramos como ideais o jogo da música, bem como o jogo da criança, para quem o jogar, o brincar em si mesmo, é modo de vida que vem e vai, que flui sem vencedores ou perdedores, que é jeito de perceber, de sentir, de viver. (BRITO, 2007, p. 44).

Na área da música, alguns pesquisadores têm, inclusive, compreendido a prática da livre improvisação como uma aproximação do conceito de Jogo Ideal. Dentre estes, pode-se destacar os trabalhos de Rogério Luiz Moraes Costa (2003, 2012), o qual vêm desenvolvendo uma pesquisa sobre livre improvisação apoiada também na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

2. Possíveis diálogos entre Jogo, Teatro e Música

Interessante observar a presença constante do jogo, por exemplo, nas metodologias de artes cênicas. Lombardi (2005) afirma que

Teatro e Jogo são inseparáveis. O jogo está sempre presente na interpretação do ator; no gesto; na modulação e no ritmo quando da emissão do texto; nas atividades educacionais do teatro; na dramaturgia; nas interações entre personagens. (LOMBARDI, 2005, p. 87).

Ao pensar as relações entre teatro e educação, a norte-americana Viola Spolin criou o sistema de jogos teatrais. Muitos outros profissionais das artes cênicas também recorreram – e ainda recorrem – ao jogo para o ensino e aprendizagem do teatro. Em uma breve procura por alguns materiais, por exemplo, pode-se encontrar uma variedade de obras voltadas ao teatro-educação que abordam o jogo em suas propostas metodológicas. Dentre estes, trabalhos como os de Koudela (2009), Japiassu (1999), Reverbel (1993), Ryngaert (2009, 1981), além de obras da própria Spolin (2007, 2012).

Na área da educação musical, alguns autores vêm traçando o jogo como recurso pedagógico – apesar de ainda serem poucos os que pensam os processos de ensino e aprendizagem da música associados ao lúdico. Porém, a questão ainda mais problemática, a meu ver, é que em muitos dos trabalhos que unem a educação musical à ludicidade, persistem as ideias de um processo pedagógico-musical por meio da repetição de uma canção, reprodução de arranjos, dentre outras “atividades” que não abarcam diretamente a criação musical. Este modo de pensar o ensino da música com as crianças – que foca principalmente a reprodução de canções, ao invés de abrir espaço para as crianças criarem suas próprias músicas – ainda se faz bastante presente. Brito (2007) discorre sobre como concepções de música e de formação musical em vigor no século XIX ainda se fazem presentes, até mesmo, na educação musical com crianças. A autora afirma que estas concepções refletem

Inclusive, no território da educação infantil (mas, não apenas neste domínio), onde o trabalho com a música (quando acontece!) é realizado com crianças com idades abaixo de seis anos de idade. Entender que fazer música é, via de regra, unicamente reproduzir modelos prontos (cantar as canções ou “musiquinhas”, como costumeiramente são chamadas; ensaiar arranjos pré-determinados tocados nos instrumentos da bandinha, realizar coreografias sempre marcadas etc.), como não é raro acontecer, decorre da força de tais concepções, dentre outros aspectos. (BRITO, 2007, p. 58-59).

Apesar da emergência de métodos e propostas de educação musical ao longo do século XX, alguns dos quais priorizando atividades de criação, persistem, ainda nos dias de hoje, propostas que relacionam educação musical apenas ou prioritariamente à reprodução de músicas (BRITO, 2007).

Tendo em vista que a criança é capaz de criar, improvisar e compor suas próprias músicas, além de que o processo pedagógico-musical pode se tornar mais significativo às mesmas quando parte de suas próprias criações, penso o ensino e aprendizagem da música por meio de jogos de improvisação cênico-musicais.

Esta proposta surgiu ao considerar a importância tanto do jogo no desenvolvimento da criança, quanto dos processos criativos na educação musical. Propus o jogo “cênico-musical”, por sua vez, ao observar os jogos criados por Hans-Joachim Koellreutter, inspirando-me neles para uma abordagem cênica e musical nos trabalhos de improvisação com crianças – além da relevância da interdisciplinaridade ao lidar com o ensino e aprendizagem de linguagens artísticas.

Seguirei este artigo, portanto, com a apresentação dos procedimentos metodológicos da pesquisa, contextualizando meu campo de atuação e erguendo/analizando resultados parciais do trabalho.

3. Contextualização e procedimentos metodológicos da pesquisa

Como dito anteriormente, a pesquisa de mestrado em andamento visa compreender as possíveis contribuições das experiências de improvisação em jogos cênico-musicais para a formação integral da criança. Por formação integral, entendo aquela que é voltada para além do musical, visando tanto o desenvolvimento de capacidades musicais quanto capacidades humanas.

Entende-se por formação integral aquela voltada para além do musical. Um trabalho com a música pode, por um lado, integrar corpo e mente, razão e emoção, sensibilidade e intelecto. Por outro lado, no entanto, a prática musical coletiva, além de propiciar a vivência da dimensão estética, da potência do sensível, da arte, favorece a convivência com o outro, o respeito, o aprender a escutar, aspectos como a autodisciplina, a submissão dos interesses próprios aos do grupo, o trabalho em equipe, entre diversas outras possibilidades. (ZANETTA, BRITO, 2013, p. 1026-1027).

Visando discorrer sobre esta problemática, apontando as contribuições das experiências de improvisação no ambiente do jogo para a formação integral da criança, buscou-se a perspectiva das próprias crianças participantes de uma Oficina de Música. Esta Oficina, por sua vez, integrou a prática da pesquisa-ação desenvolvida no decorrer do curso de mestrado, sendo conduzida pela própria pesquisadora. Realizada na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, com crianças entre 7 e 10 anos de idade, a Oficina contou com 12 participantes. As aulas ocorreram entre os meses de abril e junho, com encontros semanais de 1 hora de duração.

Considerando o interesse em captar a perspectiva das crianças envolvidas, além de ser situacional, interpretativa e buscar por uma rica descrição dos dados observados e coletados, esta pesquisa configura-se como qualitativa (BRESLER, 2000; STAKE, 2011).

A pesquisa-ação, por sua vez, foi o método escolhido para desenvolvimento da proposta. Este método permite, como expresso no próprio nome, uma união de pesquisa e ação, possibilitando ao investigador o envolvimento com uma prática (ENGEL, 2000). Esta prática consiste em uma ação planejada pelo próprio pesquisador, que se insere não apenas enquanto um observador da ação, mas a conduz e a modifica no decorrer do processo.

As técnicas de coleta de dados utilizadas foram: (1) filmagem das aulas, obtendo-se registro audiovisual de todos os encontros realizados; (2) entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente e em grupos compostos por três alunos; (3) protocolos de qualquer suporte – relatos escritos, desenhos, colagens, ou quaisquer outros meios de anotações que as crianças optassem por realizar. Estes procedimentos são bastante comuns nas pesquisas de abordagem qualitativa, visto que por meio das entrevistas e protocolos pode-se captar a perspectiva das crianças e, através dos registros audiovisuais, há a possibilidade de uma rica descrição dos dados.

4. Resultados parciais

As aulas na Oficina de Música, assim como as entrevistas com as crianças, encerraram-se no mês de junho do ano corrente, de modo que os dados coletados ainda estão em processo de análise para posterior publicação na dissertação. Ainda assim, resultados parciais já podem ser apontados.

Os jogos de improvisação vivenciados na Oficina, de acordo com as próprias crianças, foram recursos para que aprendêssemos brincando. Durante as entrevistas, elas comentaram a possibilidade de se divertirem, brincarem e, simultaneamente, aprenderem. Uma das alunas, por exemplo, ao ser questionada sobre o que pensava a respeito do aprendizado da música por meio do jogo, expôs tanto o aspecto da diversão quanto características de uma aula de música que ela imaginava encontrar: uma professora escrevendo no quadro, alunos tocando o que havia sido escrito e, caso houvesse “erro”, alunos que precisariam iniciar a música novamente. Ela comentou: “Eu pensei que ia escrever na lousa, que a gente tinha que tocar alguma coisa e você escrevendo... se tava errado a gente teria que voltar desde o começo! Aí eu achei legal, porque você se diverte mais brincando pra aprender música” (Patrícia – registro audiovisual). Como pode ser observado, Patrícia encerra sua fala explicando que achou “legal”, pois desfrutou deste divertimento proporcionado por meio do lúdico, contrariando suas ideias de uma “aula de música”

Outro aluno, durante a entrevista individual, comentou que achou “legal” aprender música jogando. Ele compartilhou também que a decisão de integrar a Oficina não havia sido feita por ele. Por não ter ido à escola justamente no dia de escolha da oficina da qual gostaria de participar, a professora selecionou a Oficina de Música para ele¹. O aluno disse que achava que esta Oficina seria “chata”, pois, assim como Patrícia, ele tinha uma concepção, um “modelo de aula de música” em mente: pensava que ficaria “só tocando”.

Acho legal música jogando [...] porque a gente ouve o som de todo mundo tudo junto! [...] Nem tinha sido eu que tinha escolhido porque eu tinha faltado no dia que era pra escolher ... Aí foi a professora que escolheu pra mim essa Oficina. Eu não sabia que ia ter essa [Oficina]. Achei que ia ser chata, que ia ser chata, mas não é não! Eu não sabia que ia ter um monte é ... fazer pega-pega com sons, um monte de coisas legais! Eu não sabia. Eu sabia [achava] que ia ser só tocando as coisas. Mas não... mas é de outro jeito. É legal. (Marcos – registro audiovisual).

Por meio da fala de Marcos, percebemos ideias pessoais sobre como é estruturada uma aula de música, concepção também exposta na fala de Patrícia. Sobre aprender música por meio do jogo, Marcos comentou durante algum tempo em nossa entrevista o quanto ele havia gostado de ouvir “o som de todos”! Não o som de cada um, individualmente, mas sim o aglomerado de sons durante a realização coletiva dos jogos de improvisação. Este foi um dos motivos apresentados por ele para explicar o porquê havia gostado dos jogos.

Outro aspecto observado e muito significativo para este trabalho foi o respeito desenvolvido na turma durante os momentos de improvisação. Em uma das aulas, por exemplo, fizemos um jogo de improvisação livre com toda a turma. Em certo momento, todos os integrantes pararam de improvisar, exceto João. O grupo passou a se olhar, demonstrando cansaço à medida que esperavam João parar de tocar, afinal, todos os outros alunos já haviam parado de tocar seus instrumentos. Entretanto, João permaneceu “solando²”, tendo improvisado um total de 8 minutos. As crianças, mesmo demonstrando certo cansaço nesta espera pelo fim da improvisação, respeitaram o solo de João. Aquele momento foi bastante marcante para as pessoas que estavam em sala acompanhando a Oficina (professoras e

¹ Diversas oficinas são oferecidas às crianças na instituição. Anteriormente ao início das aulas, as crianças recebem uma listagem das oficinas que serão disponibilizadas pela escola, devendo selecionar suas prioridades. Portanto, as próprias crianças preenchem esta listagem, indicando com números (1, 2, 3...) suas preferências.

² João escolheu improvisar utilizando o piano neste jogo, enquanto os outros participantes estavam sentados em uma roda com instrumentos diversos. João estava, portanto, sentado ao piano de costas para o grupo, sem contato visual com os outros alunos. Em diversos momentos, João tocou sozinho, solando realmente. Deixo claro, entretanto, que em alguns outros momentos os alunos que estavam em roda começaram a “se olhar”, voltando a tocar por poucos segundos, parando de tocar novamente, etc. Enfim: João permaneceu por 8 minutos improvisando (a maior parte deste período enquanto solista), sendo que os alunos da roda, em alguns instantes, faziam pequenas intervenções.

ajudante de filmagem), tanto pelo modo como João se envolveu com a improvisação, quanto pelo respeito por parte dos outros integrantes, que esperaram até o término da improvisação (que chegou ao fim devido ao horário de encerramento da aula). Deste modo, reforço a ideia de uma educação musical como meio para desenvolver capacidades musicais e humanas, visando ambientes de ensino e aprendizagem propícios à compreensão, respeito com o outro, amabilidade, etc.

Patrícia, por exemplo, quando questionada se havia aprendido algo além de música durante a Oficina, respondeu: “a gente aprende a brincar juntos [...] a gente aprende a brincar com os amigos”. Este foi outro apontamento feito pelas crianças, que relatavam também sobre um distanciamento existente entre eles próprios. Segundo explicações das crianças, este distanciamento era ocasionado, principalmente, pela diferença de idade entre elas.

Considerações finais

Visando abordar a importância do lúdico nas aulas com crianças, assim como dos processos criativos em aulas de música, aponto minhas considerações a respeito dos jogos de improvisação, entendendo-os como meio para abarcar o lúdico e a criação musical, simultaneamente.

Discorrendo sobre a prática de jogos de improvisação “cênico-musicais” em uma Oficina de Música na Escola de Aplicação da USP, buscou-se expor as possíveis contribuições destas experiências para a formação integral da criança. Por meio da prática desta pesquisa-ação, do contato com as crianças na Oficina, a perspectiva das mesmas pode ser abarcada durante a pesquisa.

Como resultados parciais, aponta-se que a vivência de jogos de improvisação permitiu o desfrute de um divertimento nas aulas de música, assim como modificou ou ampliou as ideias que as crianças tinham sobre uma aula de música. Percebeu-se também, como já indicado por Koellreutter (*apud* BRITO, 2011), que as práticas de improvisação possibilitam o desenvolvimento de capacidades musicais e humanas. As crianças manusearam diferentes instrumentos, pesquisaram nuances de timbre, trabalharam questões de dinâmica, intensidade, além de aprenderem a sujeitar-se às regras do jogo, assim como a respeitar o outro durante as improvisações.

Deste modo, acredito que as práticas de improvisação no ambiente do jogo cênico-musical, à medida que dão espaço para criações advindas das crianças e interações entre as mesmas, possibilitam uma educação musical voltada à formação integral da criança.

Referências

- BRESLER, Liora. Metodologias qualitativas de investigação em Educação Musical. *Revista: Música, Psicologia e Educação do CIPEM*, Porto, n. 2, p. 5-30, 2000.
- BRITO, Teca Alencar de. *Por uma educação musical do Pensamento: novas estratégias de comunicação*. São Paulo, 2007. 288f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- _____. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. 2. ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2011.
- COELHO, Patrícia Margarida Farias. Um Mapeamento do Conceito de Jogo. *GEMInIS*, São Carlos, v. 2, p. 293-311, jan./jun. 2011.
- COSTA, Rogério Luiz Moraes. A livre improvisação musical e a filosofia de Gilles Deleuze. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 26, p. 60-66, jul./dez. 2012.
- _____. *O músico enquanto meio e os territórios da livre improvisação*. São Paulo, 2003. 177f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 16, p. 181-191, 2000.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- JANUZELLI, Antonio. *A aprendizagem do ator*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- JAPIASSU, Ricardo. *O ensino do teatro nas séries iniciais da educação básica: a formação de conceitos sociais no jogo teatral*. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.
- KOUDELA, Ingrid. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LOMBARDI, Lúcia Maria Salgado dos Santos. *Jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores*. São Paulo, 2005. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PEREIRA, Eugenio Tadeu. *Práticas lúdicas na formação vocal em teatro*. São Paulo, 2012. 245f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- REVERBEL, Olga. *Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar: práticas dramáticas e formação*. Tradução de Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- _____. *O jogo dramático no meio escolar*. Coimbra: Centelha, 1981.
- SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- _____. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- STAKE, Robert E. *Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Tradução de Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.
- ZANETTA, Camila Costa; BRITO, Teca Alencar de. Espaços para a Criação: a improvisação em jogos cênico-musicais. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 21, 2013, Pirenópolis / Goiás. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 1020-1031.